

«Queria contar uma história universal que acontecesse perto de nós», destaca Mahir Guven, autor do romance *Irmão Mais Velho*, publicado pela Gradiva

Prémio Goncourt para Primeiro Romance
Prémio Régine Desforges para Primeiro Romance
Prémio Première

«A única verdade é a morte. O resto não é senão uma lista de pormenores. O que quer que te aconteça na vida, todos os caminhos conduzem ao túmulo. Uma vez que o relatório esteja redigido, é apenas necessário encontrar para si próprio uma razão para viver. A vida? Aprendi a tratá-la por tu aproximando-me da morte. Flirto com uma a pensar na outra. O tempo todo, desde que aquele cão, sangue do meu sangue, carne da minha carne, o meu irmão, partiu para longe, para a terra dos doidos e dos idiotas. Lá onde, por fumares um cigarro, te cortam a cabeça. Na terra santa. Aqui no bairro, diz-se ‘no Cham’. Muitos pronunciam o nome com receio. Outros – enfim, alguns – falam disso com êxtase. No mundo das pessoas normais, diz-se ‘na Síria’, numa voz abafada e com olhar sério, como se se falasse do inferno.

A partida do mano mais novo deu cabo do cota. Basta contar as rugas novas por cima da sua monocelha para percebê-lo. Toda a sua vida se esforçou por nos fazer ver o caminho correcto. Todas as manhãs enfiou o cu no táxi para subir a Guantánamo ou descer à mina. No jargão dos taxistas, quer dizer ir a Roissy ou descer a Paris para levar clientes à cidadela. Essa que nunca poderemos tomar. E, noite após noite, trazia os bolsos cheios de notas para encher o frigorífico. A minguia, a barriga vazia, a fome? Sensação desconhecida. Houve sempre manteiga e, por vezes, até natas, nos espinafres.

Enfim, o que quer que o velho tenha feito, à parte a Terra, aqui em baixo nada gira de facto, nada faz sentido. Às vezes gostava de ser Deus para salvar o mundo. E às vezes gostava de dar cabo de tudo. Eu inclusive. Se fosse assim tão fácil, ia directo à janela. Para saltar. Ou da ponte por cima da gare RER de Bondy. Para acabar debaixo de um comboio. Menos rápido e mais sujo. Na verdade, não faço ideia e estou-me a cagar para isso, porque hoje é dia 8, e é o dia que Deus escolheu para o seu plano.»

(Excerto de *Irmão mais Velho*)



Publicado em Maio de 2019 • 312 pp. • 21,00€

TRÊS QUESTÕES A MAHIR GUVEN

Quando estava a desenvolver a ideia para o livro, havia alguma mensagem que desejava transmitir?

Eu tenho apenas uma ideia: provar que todas as pessoas são inteligentes. Fui inspirado pelo recente desenvolvimento da Uber em França. Queria contar uma história universal que acontecesse perto de nós, logo ao virar da esquina.

Esta é uma história sobre a «família», sobre irmãos diferentes entre si, sobre escolhas de vida. Que elementos diferenciam o seu livro?

A linguagem, o ritmo, a escolha da narração hipersubjectiva.

Como tem sido a receptividade dos leitores e dos críticos ao livro?

Tem sido muito entusiástica. *Irmão mais Velho* ganhou cinco prémios em França, também o Prémio Goncourt para Primeiro Romance, ganhou um no exterior, e está na lista final de mais dois prémios (Oxford e Euregio Prize). Os grandes jornais escreveram críticas positivas em França, no Reino Unido e nos EUA. Recebi críticas positivas do *Guardian* e do *New York Times*. Fui convidado para me deslocar à prisão por prisioneiros, pela Universidade de Chicago, em Madagáscar... Recebi muitas cartas, de pessoas dos 15 aos 90 anos. Tem sido surpreendente.